

RELAÇÃO SUJEITO/LÍNGUA.
MODOS DE IDENTIFICAÇÃO EM SITUAÇÕES DE ENSINO/APRENDIZAGEM

PAYER, Maria Onice
(UNIVAS/CNPq)
Onicepayer@terra.com.br

O trabalho aqui resumidamente apresentado¹ faz parte de um projeto mais amplo de pesquisa em andamento, que tem como objeto de investigação a **relação sujeito/língua** tal como ela se objetiva em **processos de identificação**, que funcionam discursivamente envolvendo o sujeito e as línguas e/ou diferentes “formas materiais” da língua (Orlandi, 1996). Estas funcionam segundo lugares de interpretação e dimensões historicamente produzidas (tais como língua materna, estrangeira, de imigrante, indígena, de prestígio, popular, etc.). Participam da formação desses processos de identificação os movimentos das políticas de línguas, como a propagação, a injunção, a interdição, o silenciamento das línguas (Orlandi, 1992), situações de conflito, tensões entre a língua materna e a nacional, mudanças de língua pelo sujeito, como nas imigrações, sempre segundo condições de produção específicas (Pêcheux, 1969)

Para uma contextualização institucional, essa pesquisa mais ampla vem sendo desenvolvida junto a um grupo de pesquisa vinculado ao CNPq que trata de *Práticas de Linguagem, Memória e Processos de Subjetivação*² com o objetivo de produzir e dinamizar conhecimentos sobre os processos de subjetivação considerando o funcionamento da memória discursiva e sua relação com as práticas sociais, incluindo a relação sujeito/língua(s). No conjunto das reflexões desenvolvidas nesse grupo aloca-se o projeto de pesquisa intitulado “*Discurso, Memória e Ensino de Língua*”³, que tem como objeto de estudo práticas diversas de linguagem em que a exposição do sujeito à(s) língua(s) é posta diretamente em questão, tais como a pedagogia, alfabetização, escrita, leitura, ensino de língua (estrangeira, materna, literatura), ensino de tecnologia de linguagem na zona rural (Fazenda da Rede Globo no Sul de Minas) e em comparação com escolas da zona urbana, bem como os processos de (i)migração em seus diferentes contextos históricos, externos e internos, em massa e esparsa.

Os materiais de análise deste projeto são constituídos de produções de linguagem das práticas acima mencionadas (escritos, leituras, trabalhos de alfabetização, conversas entre profissionais dessas áreas, entrevistas com imigrantes).

¹Agradeço à FAPEMIG pelo apoio para a apresentação e discussão desta pesquisa no XXVII Encontro Nacional da ANPOLL, UFF, Niterói, 10 a 13 de julho de 2012.

² Grupo de Pesquisa (do qual somos líder) cadastrado através da Pró-Reitoria de Pesquisa da UNIVAS junto ao Diretório dos Grupos de pesquisa do CNPq. Participam deste grupo alunos do Mestrado em Ciências da Linguagem da UNIVAS, docentes da UNIVAS e também de outras IES públicas e privadas, tais como USP, UFF, FEPI, FES.

³ Este Projeto desenvolve-se juntamente com estudantes da Graduação em Letras, da Especialização em Língua Portuguesa e do Mestrado em Ciências da Linguagem. Seus membros pesquisadores são também professores de escolas do Ensino Fundamental e Médio e Superior da Região do Sul de Minas, incluindo a rede municipal de Ensino de Pouso Alegre, MG.

Através da Análise de Discurso, estudam-se nestes materiais as relações sujeito/língua(s) no que elas envolvem as negociações e diálogos, debates, injunções ao dizer, bem como pontos de aparecimento circunstanciados de certos modos de identificação com a(s) língua(s) que se manifestam no riso (rir da língua), no canto (cantar canções em línguas específicas, de imigração ou estrangeiras), a supervalorização (orgulho), a denegação da presença de elementos de certa língua que constituem o sujeito de linguagem, bem como a ultracorreção, o equívoco e as manifestações de estranhamentos em relação à língua.

Como referencial teórico, trabalha-se com a Análise de Discurso, que tem uma relação constitutiva com o materialismo histórico e uma abordagem do sujeito de natureza psicanalítica. Considera-se fundamentalmente o conceito de silêncio (Orlandi, 1992); memória discursiva (Orlandi, 1999; Pêcheux, 1999), de memória dos enunciados (Foucault, 1987; Courtine, 1986) e também a noção de memória da língua que focaliza as dimensões do materno e do nacional que revestem a língua (Payer, 2006, 2007). Consideramos ainda as contribuições teóricas de Celada (2001, 2011) sobre os processos subjetivos na inscrição de sujeitos em língua estrangeira, sobretudo de espanhol por brasileiros.

Também consideramos o campo de conhecimento sobre a história das ideias linguísticas e a constituição da língua nacional no Brasil (Orlandi, 2001; 2002; Auroux, 1992, Guimarães, 1996, entre outros). Estas pesquisas descrevem os processos históricos de gramatização e institucionalização das línguas no mundo. A equipe brasileira vem descrevendo como estes processos históricos na relação da sociedade com a língua ocorrem no Brasil, interpretando-os a partir de perspectivas teóricas não propriamente históricas, mas discursivas, semânticas e da própria área da história das ideias. Essa abordagem torna possível observar os lugares e modos sociohistóricos e políticos da produção científica sobre a língua no e do Brasil, assim como as representações de língua, e, por fim, enfim, os discursos sobre a língua que se vão produzindo na história e configurando as práticas de linguagem, incluindo o ensino (Orlandi e Guimarães, 1996; Mariani, 2004).

Nesta perspectiva teórica, e no contexto desta discussão, a minha pesquisa de base incide sobre a memória discursiva da imigração (italiana), as intercorrências histórico-políticas e ideológicas, com o nacionalismo de 1930, que resultaram em uma forte tensão entre a língua nacional brasileira e as línguas maternas desses sujeitos, resultando na interdição dessas últimas e, conseqüentemente, com interferências na constituição destes sujeitos como sujeitos de língua(gem). Por essa via, venho estudando a noção de *memória discursiva* (o interdiscurso, a memória do dizer, a condição do legível) pensada relativamente à língua, o que permitiu especificar a identificação dos sujeitos em relação à língua italiana e ao português segundo o funcionamento de uma modalidade própria de identificação pela memória discursiva, que é a *memória da/na língua*, fenômeno detectado e como tal formulado na análise da linguagem de sujeitos-falantes em contextos de imigração no Brasil (PAYER, 2006).

Assim, considerados os processos de significação em relação à língua transcorridos na transformação do imigrante em sujeito nacional (brasileiro), foi possível identificar na prática de linguagem de tal população, na atualidade, certos fatos de linguagem que interpretamos como decorrentes de *processos de identificação que se*

dão na relação sujeito/língua(s), aí considerando a língua (italiana) que foi silenciada no espaço público, mas que de algum modo permanece na atualidade, ocupando um específico lugar simbólico no sujeito, pelas vias tanto da memória discursiva sobre a língua, quanto da memória na língua ela mesma, nas estruturas transformadas, que vem se apresentar nas “franjas” (traços, marcas) da língua materna apagada (idem). Descrevemos, pois, em pesquisas anteriores, tais processos de identificação sujeito/língua(s) entre a população descendente de imigrantes, através de fatos de linguagem como o *riso* que acompanha enunciados em dialetos, *o canto* na língua dos antepassados a *denegação* da língua dos antepassados, na constituição linguística do sujeito - mesmo se em traços fragmentados de memória dessa língua estrangeira (interditada), a *ultracorreção* em língua nacional, e as marcas de italiano nos mais diversos níveis da língua, em que atua a memória de outra língua (“passada”): ná memória fonética, morfológica, semântica, lexical, sintática, em expressões e em fragmentos isolados nas conversações cotidianas (Payer, 2003).

Estes modos de identificação, que vem se apresentando, portanto, como constitutivos do sujeito de linguagem, (re)aparecem no discurso, ora **representados** pelo sujeito como presença/ausência da outra língua, ora de modo **constitutivo**, na exterioridade dessa representação, tomados como evidências da língua e da linguagem.

A história predispõe a relação dos sujeitos com as línguas que os constituem, e por essa predisposição vão se formando processos pelos quais se identificam os sujeitos e as línguas, enquanto objetos simbólicos, políticos, artísticos. A relação sujeito/língua(s) é atravessada por movimentos de (des)identificações em que se processam semelhanças e diferenças entre as línguas, estranhamentos e reconhecimentos, aceitação e recusas, enfim, movimentos através dos quais vão se instalando, de um modo e não de outro, a relação entre sujeitos e línguas.

As identificações sujeito/línguas são atravessadas portanto pela historicidade, em relações frequentemente tensas, especialmente no interior do Estado Nacional Moderno. Nas pesquisas mais recentes, no trabalho docente e com pesquisa junto a professores de língua, vimos observando que a linguagem, em seus mecanismos próprios, dá mostras dos pontos de tensões sob os quais se formaram as identificações à língua, em modos fragrantemente pelos quais irrompe, no fio do dizer, modos e mecanismos **pelos quais irrompem as identificação sujeito/língua tal como se encontram constituídas**.

Assim, na presente pesquisa, a **hipótese de trabalho** é a de que esses processos de identificação na relação sujeito/língua(s) vêm se manifestar no tecido discursivo através de **modos específicos pelos quais se expõem as identificações constituídas**, seja em mecanismos linguístico-discursivos pontuais, seja em outros modos discursivos, em outras materialidades, em outras ordens. Também trabalhamos com a ideia de que a interlocução atual preside o aparecimento circunstanciado destes flagrantemente. São esses pontos localizados, seus modos, seus mecanismos no fio do discurso, que estamos procurando identificar e circunscrever.

No que se segue, apresentamos algumas situações de linguagem e breve esboço das análises que estão sendo consideradas, em que a identificação sujeito/língua, tal como está constituída no discurso, vem se expor na superfície do dizer, manifestando-se de diversos **modos**.

Situações e análises

1) Clarice Lispector escreve em uma de suas crônicas a palavra “*outrem*”, dando-lhe todo um entorno de sentidos em relação à língua.

...entregar-se a pensar é uma grande emoção, e só se tem coragem de pensar na frente de outrem quando a confiança é grande a ponto de não haver constrangimento em usar, se necessário, a palavra “outrem”. Além do mais exige-se muito de quem nos assiste pensar: que tenha um coração grande, amor, carinho, e a experiência de também se ter dado ao pensar. (Clarice Lispector, Brincar de pensar, grifo nosso).

Sobre a forma material do português arcaico, onde ele se mescla com o registro em latim (qual o limite entre as memórias das línguas?), a escritora formula algo sobre a relação de *confiança* e de *constrangimento* diante de enunciar ou não este elemento na escrita. O efeito de sentido de constrangimento remete ao tema do “estranhamento” em face das formas da língua escrita, manifesto pelas crianças em alfabetização, conforme o trabalho da Claudia Novaes de Souza (2010), que retomaremos a seguir. Nesta situação predomina um procedimento meta-enunciativo sobre a língua e seus efeitos (cf. J. Authier, 1998).

2. A Coordenadora de Pós-graduação *Lato sensu* da Universidade, sujeito do qual se tem a imagem de ativo nos campos acadêmico, médico e político, conversa rápida e animadamente ao telefone, explicando ao interlocutor uma situação um pouco complicada, e num dado momento lhe pede “*descurpa*”. Dito deste modo, o enunciado produz ambiguidade entre dar por realizado o gesto de se desculpar, ao mesmo tempo em que mostra que ele seria de certo modo dispensável. Nota-se uma simulação de um pedido de desculpas, que pelo tom da conversa possivelmente fosse considerado desnecessário pelos interlocutores, mas que, dadas as posições, mesmo assim se realiza parcialmente (como se dissesse: você e eu sabemos que não é preciso isso, mas pela posição de que estou falando, é o caso de dizer). Todo esse jogo de sentido se materializa na substituição da forma *desculpa, me desculpa, desculpa(e)-me*, pela forma que seria interpretada talvez como popular. Haveria, nesta situação, uma **imitação/(simulação)** da outra língua.

3. Alunos em situação de alfabetização expressam seus “estranhamentos” diante do fato de que a forma da língua materna usada pelo pai não seja a forma da língua escrita, e que não se trata, pois, na alfabetização, da escrita “sua” língua: “*mas o meu pai fala assim*”, reclama/argumenta a criança (Souza, 2010). Souza trabalha sobre o modo como a criança explicita a sua observação do fato de que a forma empregada por ela (pelo pai, pela mãe, pela comunidade), e que constitui a língua de sua memória discursiva, não seja aceita pela professora. Sabe-se que a figura paterna, conforme a teorização lacaniana, *representa a lei*. Na compreensão da análise de discurso, o pai representa uma posição discursiva que funciona na base da imagem (de autoridade) para o filho. Nesta situação está-se diante de um ponto de irrupção do modo como está constituída a relação da criança com a língua. Novamente encontramos aqui o procedimento meta-

enunciativos explicitando a desidentificação da criança com a língua até então constitutiva.

4) C. Moreira da Silva (A Relação entre sujeitos e línguas em diferentes processos de imigração no sul de Minas Gerais”, 2012) explicita como os sujeitos de diferentes processos de imigração têm a sua relação com as línguas afetada de modos diferentes:

“para os imigrantes em massa, que conheceram [...] a interdição de sua língua, não é indiferente falar em português ou em italiano, enquanto para os imigrantes esparsos e dos do pós-guerra, que não conheceram essa interdição pontual, a passagem de uma língua outra se faz sob o efeito de uma “naturalidade”, como eles dizem. Não há a marca de língua interditada em relação ao italiano como língua materna, tampouco a imagem da língua portuguesa como ligada a um funcionamento jurídico-político” (Moreira da Silva 2012, p. 56)

Nessa situação, nota-se como os acontecimentos em relação á língua que marcam o sujeito constituem diferentemente sua relação com as línguas.

5. O **riso** que segue enunciados na língua de imigrantes. Imitação de jovens sobre os velhos, num misto de carinho e “exposição” da alteridade linguística do outro/outra – uma estrutura sintática em português com memória de italiano convoca uma outra língua. Trata-se, nessa situação, de uma manifestação de outra ordem, de (des)identificações do sujeito falante em relação à língua falada, manifestação corpórea, que não passa pelo trabalho da formulação do equívoco, como notamos na situação 1 acima⁴.

6. Alunos do ensino médio foram estimulados a ler crônicas de Clarice Lispector e em seguida escrever sobre os sentidos de sua leitura (SILVA, 2012). No texto de uma das alunas Marina, nota-se a produção de uma identificação constitutiva com a materialidade linguística da escrita de Clarice.

“Já ouvi falar, não me lembro quem falou e muito menos quem a escreveu, mas ouvi! E era uma frase que dizia mais ou menos assim “toda felicidade vem embrulhada num fino papel de tristeza.” E foi dessa frase que me lembrei lendo a crônica “Medo do desconhecido” de Clarice Lispector. A felicidade é realmente muito vaga, uma coisa instantânea. Você está feliz hoje? E amanhã? Vai estar também pelo mesmo motivo? Ninguém sabe... é vaga, finita, instantânea e pior ainda, não precisa de um motivo concreto para existir. (...)

E pensando no que escreveria agora, lembrei-me de uma outra frase de Clarice Lispector “O que sinto não é sempre o que sinto e sim outra coisa”. Porque esse não é um texto, são palavras unidas expressando um “pensar”. Isso é texto? Sei lá. Mas não quero expressar o que sinto de um modo grosseiro, por isso escrevo agora com o coração. Talvez o mesmo coração que Clarice, acho que agora ela está em mim e isso me traz felicidade, a mesma felicidade vaga e inexplicável de que ela falava na crônica...

⁴ Para maiores desenvolvimentos das análises do riso, da denegação, da ultracorreção e do canto em língua materna, remetemos ao nosso trabalho *Modos de aparecimento de uma língua apagada no trabalho do esquecimento*, Revista *Organon*, no. 35, 2003).

Considerações

Mencionamos aqui algumas, dentre muitas e diversificadas situações de linguagem reunidas no corpus da pesquisa, a fim de indicar **como se expõem modos diversos de identificação**, a exemplo de:

- em procedimentos meta-discursivos sobre a língua;
- na irrupção de sentidos em outra ordem (no riso, na expressão facial);
- em modos não formulados (equívocos, lapsos, estranhamentos) através de uma relação não representada com a língua (denegação, ultracorreção, simulação).
- e, enfim, a formulação (colocação no dizer, dar linguagem) dos pontos (sabidos ou não) de (des)identificação com a(s) língua(s) que podem ser ditos, como “gestos reconhecidos e não negados”, como diria Michel Pêcheux (1982): pontos trabalhados de modo a se tornarem saber do sujeito (e das línguas), pontos, enfim, vividos poeticamente, à maneira de Clarice Lispector.

Enfim, procuramos circunscrever e precisar o funcionamento discursivo desses pontos de irrupção da identificação sujeito/língua(s), e almejamos avaliar sua operacionalidade analítica, a fim de compreender como está se dando essa (des)identificação, e aqui pensamos especialmente no ensino: na leitura, na escrita, no conseguir dizer o que quer dizer. Compreender esses processos e esses os modos de identificação pode ser interessante para entender os processos pelos quais passam os sujeitos em sua inscrição na língua a ser aprendida, quando outros processos se instalaram na relação com as línguas, e vêm se rerepresentar de modo tenso e denso, em contextos diversos, incluindo aqueles em que ela própria, a línguas, é posta como objeto não só de *conhecimento* mas também de identificação.